



> “IMAGINA AS COISAS QUE SE PODIA IMAGINAR”: JOVENS ANTROPÓLOGOS E UMA TESE EMBAIXO DO BRAÇO. ENTREVISTA COM VERENA STOLCKE

POR RAFAEL DO NASCIMENTO CESAR² E
THAIS FARIAS LASSALI³

Com a presente entrevista, a PROA inaugura a série Fundadores, dedicada a celebrar a história do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp a partir dos seus primeiros professores – Antônio Augusto Arantes, Peter Fry e Verena Stolcke (à época Verena Martinez-Alier), e das circunstâncias que remontam ao seu feliz encontro, há 46 anos. Realizadas em Campinas, de 3 a 6 de novembro de 2013, por alguns estudantes do Programa, as entrevistas estão vinculadas à 3ª edição das Jornadas de Antropologia John Monteiro e figuram como um importante documento da antropologia no Brasil, abordada/pensada sob o ponto de vista de seus protagonistas.

Verena Stolcke nos mostra em seu relato como é impossível separar biografia e etnografia, projetos pessoais e intelectuais, triunfos e obstáculos de toda ordem. O que existe é um emaranhado no qual uma dimensão da vida ilumina e constitui a outra. Num domingo ensolarado de novembro, a antropóloga nos recebeu em seu hotel para uma conversa animada, na qual rememorou momentos importantes de sua trajetória. A experiência de pesquisa em Cuba nos anos 1960; o encontro com Peter Fry e Antônio Augusto Arantes, em Londres; a vinda para o Brasil a convite de Fausto Castilho com intuito de criar, em pleno regime militar, um Programa de Pós-Graduação em antropologia para a novíssima Universidade Estadual de Campinas – todos esses episódios são narrados no tom informal e entusiasmado de quem, após anos distante, regressa ao local onde tudo começou.

²Doutorando em Antropologia na Universidade Estadual de Campinas.

³Doutoranda em Antropologia na Universidade Estadual de Campinas.



Pergunta (P): Queremos agradecer-lhe imensamente por aceitar o nosso convite para participar das Jornadas, e também a oportunidade de fazer a entrevista, que representa um grande ganho para o Departamento [de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas] e para cada um: uma experiência muito importante. Gostaríamos de começar por Cuba, no doutorado, se a senhora pudesse falar tanto da experiência de ter feito uma pesquisa em um contexto político muito específico – que era Cuba dos anos 1960 –; como foi a entrada em campo, as dificuldades (como o fato da sua relação com Oxford); e como foi fazer uma pesquisa histórica numa universidade em que a antropologia tinha um tipo de tradição bem diferente. Enfim, falar livremente sobre esse contexto.

Verena Stolcke (VS): Eu acho que a nossa conversa vai ser duplamente ou triplamente histórica. Por exemplo, eu quero agradecer a vocês por terem pensado em fazer essa entrevista e ao Omar [Ribeiro Thomaz, à época coordenador da Pós-Graduação em Antropologia Social na Unicamp], que não está aqui, mas é de alguma maneira o espírito deste evento, destas Jornadas dos 40 e mais - faz 43 anos -, porque eu tenho vindo à Unicamp nesses 40 anos, não regularmente, mas com certa frequência. Mas esta vez é particularmente nostálgica. Por uma parte, eu tenho a impressão de que tudo cresceu enormemente: as autovias, Barão Geraldo. É também emocionalmente bonito por nos encontrarmos os três, Antônio Augusto Arantes, Peter Fry e eu, que efetivamente começamos em [19]70 de uma maneira muito ingênua: éramos muito novos e não tínhamos experiência de docência. De pesquisa sim, porque tínhamos feito as pesquisas para o doutorado, mas de docência, praticamente nenhuma. E então foi esse encontro entre os três, na embaixada brasileira em Londres – já que Fausto Castilho tinha pedido ao embaixador que organizasse esse encontro. Ele tinha se encarregado de procurar antropólogos porque ainda não havia antropólogos naquela época, na Unicamp, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. E eu lembro, [tenho] só uma lembrança daquele primeiro contato com o Antônio Augusto Arantes, que foi muito engraçado e que tem tudo a ver com a política. Convidaram-nos, desde a embaixada, a nos encontrarmos, Antonio Augusto, Peter e eu (que não nos conhecíamos) em Londres, em um bar bastante obscuro, e o ambiente era engraçadíssimo porque Antônio Augusto queria e devia descobrir qual era a nossa política. O Peter tinha estado, tinha feito

a sua pesquisa em Zimbábue; eu tinha feito minha pesquisa de arquivo em Cuba, então esse pessoal, por onde respira, não, qual é a posição dela e dele? Então foi uma conversa muito esdrúxula, porque ninguém se atrevia muito porque, claro, era o Brasil dos militares. Quer dizer, todos estávamos de alguma maneira implicados em situações, em contextos políticos. É, então, acho que tomamos um café, falamos muito discretamente, depois fomos almoçar com um embaixador cujo nome não lembro. Esse foi o primeiro encontro. E o Antônio Augusto voltou antes, Peter veio depois e depois cheguei eu, com as minhas filhas de 1 e 3 anos, e a minha tese embaixo do braço, que eu vou mencionar outra vez amanhã [na conferência de abertura das Jornadas de Antropologia John Monteiro, realizada dia 4 de novembro de 2013 na Unicamp]. Fausto Castilho veio para nos cumprimentar e me viu com as minhas filhas e a minha tese, e me disse: “nunca mais vou contratar uma mulher”. Dito e feito, porque de fato a seguinte mulher professora que foi contratada foi Evelina, Evelina Dagnino, três ou quatro anos mais tarde. Quer dizer: eu passei esse começo com todos esses colegas, homens, em intermináveis reuniões de departamento, de organização etc., [que] sempre eram realmente muito longas, [e onde também] estavam o [Luiz Benedicto Lacerda] Orlandi, o [André] Villalobos. Estávamos lá e começamos a dar aula. Peter e o Antônio Augusto já tinham começado porque o curso já tinha se iniciado com uma concepção extremamente convencional e, desde hoje, realmente, parece ser o mais convencional ainda, uma espécie de esquema evolutivo, não? Primeiro os primitivos, depois os camponeses e depois a sociedade moderna, a sociedade industrial, mas aí a gente já não tinha tanta coisa pra dizer, a antropologia urbana era minúscula naquela época. E foi muito engraçado porque a primeira coisa que eu tive que fazer em relação às aulas era apresentar aos alunos as suas notas. Eles tinham feito a primeira prova, eram muitos alunos. É uma dessas anedotas da época: eu comecei a ler “cinco coma cuatro, tres coma cinco, siete coma ocho” e o pessoal morria de rir e eu não tinha ideia do porquê, até que descobri a duplicidade semântica de “comer”. Isso foi o primeiro momento. Então, a minha tese, a tese embaixo do braço, o embaixador tinha insistido, e eu acho que isso faz sentido, de que a gente terminasse as nossas teses de doutorado antes que nos contratassem aqui na Unicamp, não? E eu acabei a minha tese, eu acabei bem, depois foi publicada na Cambridge University Press, quer dizer que foi uma tese bem valorada, e, claro, uma história muito paradoxal, essa pesquisa, porque, de fato, como eu dizia para vocês, nós (o meu marido, a minha filha mais velha, que tinha um ano, e eu) fomos a Cuba por uma



troca, um intercâmbio entre a Universidade de Oxford e a Universidade de Havana – naquela época era possível ainda. E eu tinha essa ideia absolutamente ingênua de estudar as mudanças na família depois da Revolução, que foi em [19]59. Bom, para isso, claro, precisava fazer trabalho de campo, etnografia, como se fazia naquela época. E através de um professor de Geografia, Pérez de la Riva, que ia a Oriente, em Cuba, com os alunos para fazer trabalho voluntário, que era o que os estudantes da universidade faziam durante uma parte significativa do ano letivo. Então nos levaram juntos e nos estabelecemos em uma pequena aldeia onde tinha a casa dos camponeses; dormimos lá em redes, era tudo muito autêntico, etnograficamente autêntico, né? E, claro, então como fazer contato com as pessoas? O meu marido [Juan Martinez-Alier] estava fazendo uma pesquisa muito mais realista, sobre as duas reformas agrárias de Fidel, a primeira e a segunda, então a questão era falar com as pessoas sobre problemas muito concretos: a distribuição da terra e que modelo de reforma agrária: coletivizante ou o tipo de reforma agrária chilena de [Salvador] Allende que foi distribuir terra a camponeses. E eu, como faço para falar com as pessoas, para descobrir alguma coisa sobre mudanças na família? O padrão de residência era disperso, quer dizer que era tudo muito longe, então me emprestaram um cavalo, e eu ia a cavalo com a minha filha atrás. Depois, nos dias seguintes, tinha uma dor de coxas, não estava acostumada a andar a cavalo. Mas claro que não tinha sentido, que era muito ingênua essa ideia de supor que a Revolução tinha tido um impacto e além do mais na Sierra Maestra era isso, em Ongolosongo, um pequeno povoado, era muito ingênuo supor que a Revolução tinha tido impactos a um nível tão íntimo, das relações familiares. Depois eu descobri que, claro, a questão da família em Cuba – ou no Caribe em geral – era uma questão historicamente muito complexa e, além do mais, muito pouco normativa. E além do mais, politicamente, nos chamaram de volta a Havana porque as autoridades não queriam ter europeus em meio à reforma agrária. E a família, eu acho que nem tinha percebido que podia ser tema conflitivo, então voltamos a Havana. Nesse momento, eu tinha esse projeto, meu projeto de tese de doutorado... E agora, o que faço? Então, outra vez, [Juan] Pérez de la Riva, o geógrafo, ele me apresentou tanto a Biblioteca Nacional como o Arquivo Nacional de Havana, que é um arquivo fantástico. Foi uma sorte, realmente, uma coincidência e uma sorte, na medida em que no arquivo, como eu disse para vocês, um bibliotecário nos anos [19]30, um cara muito lúcido, tinha ordenado uma parte significativa, eu acho que 60% ou 70% de uma documentação histórica enorme. E agora eu vou falar para vocês porque era tão grande.

Ele tinha classificado por temas, então havia gavetas, essas gavetas de arquivo, gavetas atrás de gavetas, havia todos esses móveis com a documentação, com cartões com um resumo dos temas, dos documentos históricos. Então, empezei a procurar documentos sobre famílias e encontrei essa extraordinária documentação sobre raptos, estupros e proibição matrimonial, a própria lei de proibição matrimonial entre pessoas brancas e o que se chama agora afrodescendentes, negros e pardos. E comecei a ler e transcrever os documentos, com uma máquina de escrever – acho que uma Olivetti, dessas pequenas, que me emprestaram no arquivo –, copiando as partes dos documentos que me pareciam relevantes. Ia religiosamente todos os dias, a minha filha ia com muita pouca vontade a um círculo infantil - detestava - que era... o dia inteiro, não? E eu passava o dia no arquivo, e trabalhar com esses documentos era que nem ler uma novela: era absolutamente fascinante porque, claro, no século XIX todos os depoimentos eram escritos a mão, com todos os detalhes. Informática é um desastre porque destrói essa memória histórica. E esses documentos não só eram abundantes, senão extraordinariamente detalhados. Eu os cito bastante no livro, não? Tinha tanta documentação em Cuba, porque Cuba foi colônia tanto tempo... os espanhóis fizeram o possível para que não se tornasse independente – teve duas guerras, então, claro, a documentação ficou lá. Então quem queria fazer uma pesquisa histórica sobre Cuba tinha que ir para Havana, ao arquivo histórico. Então, claro, isso foi e foi além do mais muito paradoxal pelo tema e pela perspectiva; como eu disse, fiz a tese em Oxford, porque me casei com uma bolsa, que é o pai das minhas filhas, que tinha uma bolsa em Oxford. A gente se conheceu em Stanford – uma história bastante complicada –, e onde comem uma comem duas, sobretudo se a outra cozinha. E assim pude começar a estudar em Oxford e tive a enorme sorte

de ter como orientador Peter Rivière, o etnólogo, que de Cuba não sabia nada, que tinha escrito um artigo “Sexualidade e raça em México”. Era uma reflexão sobre o trabalho de Oscar Lewis; é um artigo muito interessante, mas isso era o mais perto que tinha chegado do que eu estava fazendo. Mas [ele] foi tão interessado, compreensivo, e além do mais comprometido comigo... eu fui a primeira doutoranda dele, éramos primeiros em tudo, tanto eu como ele. Uma perspectiva histórica nessa época era absolutamente excepcional. A antropologia que se fazia naquela época, com muito trabalho etnográfico, era sincrônica, não? Vocês devem ter aprendido a diferença entre uma perspectiva sincrônica e uma perspectiva dinâmica. As pesquisas eram todas sincrônicas porque se supunha que, como os primitivos não escreviam, não havia documentação histórica, essas explicações tontas. Então, nesse sentido, a minha tese foi realmente bastante novedosa, e agradeço sempre a Peter Rivière por ter estado tão interessado e ter sido tão aberto a uma perspectiva tão distinta. Peter Rivière era muito amigo de Needham, Rodney Needham, então imaginem o clima que havia! Estava vivo Evans-Pritchard, dava aulas, assisti aulas muito importantes. Então esse clima, claro, fazer uma tese histórica, era não-convencional. Na universidade em que estou agora, a Universitat Autònoma de Barcelona, essa perspectiva está presente. Eu consegui com um grupo de pesquisa consolidar uma perspectiva que chamamos antropologia histórica. Os Comaroff escrevem sobre antropologia histórica, Jean e John [Comaroff]... Pois é. Então é a antropologia que começou por aí, entre Cuba e Oxford.

P: E daí, na sua vinda para cá, em [19]70, uma das coisas que a gente se interessou em perguntar era, além de como era o clima institucional, a senhora, Peter Fry e Arantes tiveram que montar um estatuto, criaram um programa. A senhora poderia comentar isso, mas também comentar sobre como foi viver em Campinas nessa época – quais eram os espaços de sociabilidade que existiam, qual foi o circuito que foi possível fazer nessa época e daí a vinda para Barão Geraldo. Começaram a dar aulas já em Barão Geraldo?

VS: Não, começamos a dar aulas na cidade, do lado, eu não sei; era um prédio que devia ser alguma instituição, porque do lado havia os bujões de gás. Não sei, não sei qual que era, é fácil de descobrir. Mas estivemos lá um tempinho.

P: No centro da cidade?

VS: No centro da cidade, sim. Não lembro como é que se chama... uma dessas avenidas na parte alta de Campinas. E depois estavam construindo o campus ainda, bom, estão construindo até hoje, não? E nos mudamos aqui e começamos em frente de onde está a reitoria, uns prédios, uns barracões, na realidade, com muitas plantas no centro, muito bonito, mas era incipiente e precário. E começamos, tinha que organizar. Éramos todos, não só nós da Antropologia, senão em geral nas Ciências Humanas, éramos todos muito novos e com pouca experiência, não só de docência, mas também de organização da universidade. [Luiz Benedicto Lacerda] Orlandi tinha mais, porque tinha estado com Fausto Castilho em Araraquara, onde convidaram a Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre. Era uma das notícias destacadas da época, porque como pode ser que esse pessoal tenha, que Fausto Castilho tenha logrado convidá-los para Araraquara, com esse nome? É uma coisa muito, muito impactante. É... e.. agora perdi o fio.

P: Tiveram que chegar aqui e constituir um estatuto...

VS: Sim, ah, claro. Começamos a dar aulas na graduação básica, que reunia alunos de toda a Universidade⁵. Eram turmas enormes, 100 ou mais alunos e, claro, colocou-se a questão de um mestrado, não? Sugeriu-se que deveria se organizar um mestrado e para isso deveria ter justamente um estatuto. E Peter, eu e Antônio Augusto tampouco tínhamos ideia de como se fazia, que forma tem que ter um estatuto, que é uma coisa muito jurídica, muito minuciosa, como fundamento de um mestrado que tivesse legitimidade e reconhecimento. Então tivemos que falar com os químicos, que estavam mais avançados em ciências. Estavam mais avançados e tinham já um modelo, tinham desenhado um modelo de estatuto. Então trouxemos esse modelo e fizemos o que podíamos para fazer um estatuto para a antropologia, porque a questão era um mestrado de antropologia. Então reuniões intermináveis e isso tem tudo a ver com as relações sociais. Tanto Peter como eu e Antônio Augusto também achávamos muito frustrante que a maior parte dos nossos colegas morassem em São Paulo, como é o caso agora, enquanto que nós moramos todo o tempo em Campinas. Eu mudei uma vez de casa e, claro, poderiam pensar que era uma experiência um pouco isolada. Não, mas as atividades, as reuniões na universidade, no Instituto eram tão frequentes, tão longas e tão intensas, e éramos muito jovens; então até se misturava as reuniões com festas! Era uma maravilha! Era época da música popular brasileira, não? E dançávamos, com [Roberto] Gambini, que tinha uma cama de água, daqueles, como se diz o que se põe em cima de cama?

P: Colchão?

VS: Um colchão de água. Imagina as coisas que se podia imaginar. Então, claro, com essa intensidade laboral, de amizades, realmente não nos sentíamos em absoluto sozinhos. Estávamos muito bem acompanhados. E também o início, o país, o contexto político, a única coisa que não se devia fazer era formar parte de um partido, o PCB [Partido Comunista Brasileiro] ou o PC do B [Partido Comunista do Brasil] e, sobretudo, que a polícia soubesse que tinha essas células do partido. Eu vivi uma experiência dessas com o [Sérgio] Arouca, da medicina preventiva. Tínhamos uma reunião e de repente alguém ligou e disse: “tem perigo no horizonte”; então a gente foi embora, não aconteceu nada. Mas essa era a diferença na universidade. Os militares estavam super interessados na formação de capital humano, como diziam, daí a criação muito numerosa de programas de mestrado, que era justamente o marco universitário no qual deviam se formar os novos quadros docentes. Então dinheiro tinha aos montes, não faltava em absoluto.

P: E a senhora acha que a combinação dessa experiência que poderia ser chamada de isolada, ilhada, de estar aqui em Barão Geraldo – e o fato de ter uma ditadura que estava interessada na formação desse capital humano –, a senhora diria que essas foram condições que definiram um tipo de antropologia aqui ou, melhor dizendo, elas deram condições para fazer um trabalho diferente do que, talvez, eu fico imaginando em outro lugar que estivesse em maior evidência política? Fico pensando na sua pesquisa do Rio das Pedras. Como esse contexto político ditatorial no Brasil pode ter constrangido algumas coisas? Mas como também pode ter condicionado, propiciado possibilidades de pesquisa?

⁵ O Studium Generali, parte do projeto de Fausto Castilho para o Instituto, consistia na graduação básica, um conjunto de disciplinas comuns para todos os cursos de humanidades, com dois anos de duração.

VS: É, eu penso que é uma pergunta muito importante e que aí eu faria referência outra vez a que realmente éramos muito novos e muito pouco experimentados. Quer dizer, Peter [Fry] esteve em Zimbábue em uma situação que não era tão complicada politicamente e, claro, Cuba era outra história; mas a minha ingenuidade continuava quando cheguei aqui. Era um pouco paradoxal. Nós queríamos voltar a Cuba, mas já tinha acontecido o caso do poeta Padilla, que tinha feito um poema contra Fidel, tinha sido preso e não era possível conseguir um visto para ir. Então, aí apareceu esse convite via Peter Rivière, de Campinas, para vir aqui, não? Nós fomos os substitutos: primeiro de [Claude] Lévi-Strauss que claramente não queria vir ao Brasil outra vez – e menos a “Campinhas”, como diziam –, e segundo de [Edmund] Leach, que também não... Antônio Augusto tinha estudado com Leach, que também não estava interessado, então, claro, foram descendo na hierarquia e aterrissaram em nós. E essa ingenuidade, ao menos no que se refere a Peter e a mim, persistiu aqui até certo momento. Quer dizer que nem a atitude na Espanha, ainda hoje, das pessoas que viveram a transição diante da polícia e têm medo da polícia – uma coisa que eu nunca senti, porque não vivi a polícia em uma ditadura, então isso passou um pouco com Peter e eu aqui. Como não tínhamos experiência de uma ditadura militar, eu acho que éramos um tanto ingênuos de não perceber claramente os riscos que existiam. E depois a minha pesquisa na Fazenda Rio das Pedras, que fica aqui do lado, foi possível por duas razões: uma razão foi ser mulher e, além do mais, uma mulher obviamente estrangeira – jovem, loira, de cabelo longo, que parecia uma hippie. Aí no meio das mulheres, Dona Cida, Dona Jandira, Dona Ditinha, Dona Antônia, todas elas que (muito, muito irônicas elas) de alguma maneira me acolheram, também pensando: “é essa mulher, de onde saiu?” E, além do mais, falando um português ainda um pouco precário – eu cheguei aqui falando espanhol. Dei as primeiras aulas em espanhol; eu não conseguia falar português e, claro, com as mulheres na fazenda, eu já falava português. Elas falavam caipira, então era outra complicação, mas dava para nos comunicar. E esse fato de ser mulher e esse aspecto tão daquela época, de hippie, devia ser absolutamente improvável que eu pudesse ter um projeto político de levantamento das massas rurais e esse tipo de coisa. Realmente não era plausível. Porém, os administradores da fazenda, por razões econômicas, ficaram preocupados com a minha presença sistemática. Eu ia todas as manhãs com um fusca muito velho que tinha herdado de um tio meu que morava em São Paulo. Me chamaram à administração – e é uma estrutura laboral extraordinária –; tinham três categorias de capatazes à cavalo: um tinha um cavalo branco e era uma coisa muito impressionante, clássico, não? Então me chamaram e me perguntaram o que eu estava fazendo aí e que eu era um problema para as mulheres que ficavam com vergonha, porque, claro, comendo sentadas no chão, das marmitas. E, então, eu pensei: bom, e agora? Acabou-se ou eu reajo. E o que fiz foi: no dia seguinte, fui com uma pilha de livros sobre a família, a família proletária, a família classe baixa em São Paulo e expliquei para eles que, na realidade, eu estava, sobretudo, interessada na desestruturação familiar dessa turma, desse pessoal que, claro, é o preconceito típico dos níveis sociais dos administradores, que eram classe média-baixa e que depreciavam esse pessoal que viajava nos caminhões de turma. Então eu voltei e houve duas consequências: por uma parte, as mulheres estavam esperando, me olhando para ver o que tinha acontecido – com muita ironia, porque suspeitavam que tinha um problema com a administração. Além do mais, eu tinha levado o livro que meu marido tinha escrito sobre a estabilidade do latifúndio em Córdoba, em



Andaluzia. A gente fez trabalho de campo lá em [19]65, ainda em pleno franquismo, e tinha fotografias que eu tinha tirado, então eu queria mostrar para elas. E tinha circulado o livro, tinha olhado as fotos e queria, de certa maneira, mostrar que eu estava muito interessada nas condições de vida e de trabalho delas e das famílias delas, e não na administração. Então, com isso, realmente estabeleceu-se uma relação extraordinária com as mulheres; estava claríssimo de que lado eu estava, do lado delas. Só que, claro, não foi possível obter as listas de salários etc., etc. da administração: eu nunca mais pude ter contato com eles, mas também não era tão importante. O importante era realmente poder falar com as pessoas, e a visão de mundo, a história desde o século XIX, a história da transformação do sistema de exploração da mão de obra nas plantações de café. E o grande debate daquela época com os economistas – João Manuel [Cardoso de Mello] etc. – era como é que se tinha dado a proletarização (que palavra mais difícil!), a proletarização rural no começo dos [anos 19]60. E eles argumentavam que as relações sociais de produção tinham mudado devido – marxistas, eles – à transformação da organização do sistema de exploração de mão de obra. Então, com a introdução de maquinário, tinha mudado a demanda de mão de obra para a colheita de café e todo esse tipo de argumento. E eu disse para eles: “Vocês já falaram alguma vez com alguma trabalhadora ou algum trabalhador ‘bóia fria’, não?”. E não, não tinham. Então, claro, o debate foi justamente [esse]: eu estava fazendo trabalho de campo todos os dias com as mulheres, anotando o que me iam contando, enquanto que eles estavam construindo esses modelos macro. Participava o [José Graziano da Silva], que agora está na FAO [Food and Agriculture Organization], que foi ministro de Lula; publicamos uma compilação de textos juntos, “A Questão agrária”.

P: Posso voltar numa questão agora, que eu acho muito interessante?

VS: Sim, sim.

P: Duas vezes a senhora mencionou aqui que o Fausto Castilho falou que nunca mais contrataria uma mulher. E a senhora agora falou que sua pesquisa no Rio das Pedras foi possível também por ser mulher. Eu fico me perguntando, assim, se a gente olha comparativamente: na Universidade de São Paulo havia algumas mulheres que já estavam com uma carreira consolidada, ou já tinham algum tipo de espaço. Mas a Gilda de Melo Souza, Gioconda..

VS: Maria Isaura...

P: Maria Isaura Pereira de Queirós, Ruth Cardoso...

VS: Maria Silvia Carvalho Franco.

P: É. E se a gente olha para a Unicamp, pelo menos na área de antropologia, a senhora foi a primeira, talvez em todo o Instituto. E, uma observação pessoal, eu acho que isso deu uma característica particular para o jeito que a Unicamp se colocou na antropologia brasileira, porque as pessoas responsáveis pelo início dessa tradição antropológica foram a senhora, Peter Fry e Arantes – com temas de pesquisa que, por exemplo, na USP não se trabalhava. Tinha a Gilda de Melo e Souza com a estética, que escreveu “Espírito das roupas”, Maria Silva de Carvalho Franco com “Homens livres na era escravocrata”, a Gioconda com os caixas, e daí vem a senhora trabalhar com questões de gênero, relações de gênero, o papel das mulheres; Peter Fry com sexualidade em Belém do Pará... parece uma sorte que conseguiu reunir esses pesquisadores que acabaram, não por acaso, na Unicamp. Na área de Antropologia na Unicamp tem muita pesquisa sobre relações de gênero, e fico me perguntando como foi começar a fazer pesquisa sobre esses temas, sendo que o Brasil não estava se preocupando com isso, a antropologia não se preocupava com isso no Brasil até então...

VS: Não. Mas foi uma época muito, muito... Agitada. Em [19]75, teve lugar o primeiro congresso das Nações Unidas, o primeiro congresso da mulher, no México, que teve também um congresso paralelo, como todas as vezes, que era muito mais radical. Esse congresso teve repercussões importantes: foi tanto aqui, na América Latina, como no sul da Europa, na Espanha também. Foi, de alguma maneira, o impulso legitimador da pesquisa sobre o que depois se chamou gênero, porque a palavra gênero veio muito mais recentemente e, além do mais, muito pouco prática, acho eu. Então, claro, teve esse clima geral e, por outra parte, certamente Peter tinha já uma inclinação para colocar a questão da religiosidade popular, e, sobretudo, a umbanda, o candomblé e a sexualidade. Umbanda e candomblé, de certa maneira, em relação com sua experiência em Zimbábue sobre profetas; e eu, por outra parte, a experiência em Cuba, tentando estudar a família e o matrimônio, e encontrando-me justamente com a intersecção entre a virgindade e a questão racial, o racismo. Então tinha uma base, não? O meu livro sobre Cuba em espanhol chama-se *Racismo e sexualidade na Cuba colonial*, que é um título muito mais apropriado que aquele em inglês, "Marriage, Class and Colour in Nineteenth-Century Cuba". Eu falo para os estudantes para evitar o androcentrismo, eu falo, estou convencida disso, que toda teoria tem algum elemento biográfico. As pessoas que fazem pesquisa porque é uma parte da sua carreira, à distância, existem, mas eu acho que não é muito desejável, nem tão frequente. Acho que muitas pessoas decidem pesquisar uma questão específica por razões biográficas - o Peter, clarissimamente, não? Decidimos pesquisar desde uma perspectiva, um fenômeno específico, porque é alguma coisa que tem que ver com a nossa própria experiência. E, claro, a minha era ser alemã e mulher. Então a questão racial em Cuba, descobri, entendi finalmente que era isso do racismo e atravessado pelas proibições matrimoniais; a questão da sexualidade, da virgindade, do controle do corpo sexuado feminino - que não se dizia, não se usava essa terminologia tão pesada naquela época, era la virginidad. E é com essa bagagem que cheguei aqui e comecei a dar aula sobre a família em relação ao que depois chamamos "a reprodução". Bom, foi uma casualidade que nós chegássemos, aterrissássemos aqui na incipiente Unicamp, no Departamento, no Instituto, isso foi uma casualidade, essas coisas que não se pode predeterminar, ou diagnosticar claramente porque acontecem. Mas, claro, chegamos com uma bagagem muito específica. E o que você dizia, a comparação com a USP, que aqui eu era um tanto solitária durante uns 3 anos, uma coisa assim, como mulher. O caso da USP é muito interessante nas Ciências Humanas: Maria Isaura Pereira de Queirós, Maria Silva Carvalho Franco, tinha Emília Viotti... Tinha quatro ou cinco historiadoras, mas também sociólogas, de enorme destaque e eu acho, achei já naquela época e acho agora ainda mais, que o que explica essa presença feminina é classe. Eram todas burguesas e não no mau sentido, mas eram de classe burguesa, de classe alta e, claro, isso "compensa" o fato de ser mulher.

P: É interessante porque em vários momentos a gente fala: ser homem, ser mulher, a raça, a classe, e que todos esses elementos levam à noção de interseccionalidade, que percebemos muito nos seus textos, essa aposta nessa noção. E, bom, e não por acaso hoje, na USP, existe o Núcleo de Estudo dos Marcadores Sociais da Diferença, que está preocupado justamente em pesquisar e apostar nessa noção de interseccionalidade.

VS: Não sabia!

P: O Pagu [Núcleo de Estudos de Gênero, na Unicamp] também...

VS: O Pagu sim... Minha relação com o Pagu também existe...

P: Um dos primeiros textos que Heloísa Buarque, da USP, passou foi “O enigma das intersecções”, um texto da senhora. E foi lá a primeira vez que eu ouvi falar sobre intersecção e o quanto isso poderia ser interessante para pensar antropologicamente. E hoje eu sinto que existe uma tendência para as pessoas que vão trabalhar, aí sim, com estudos de gênero e sexualidade a sempre pensar esses elementos em articulação, uma ideia que a senhora já estava pensando...



VS: Foi muito engraçado, muito interessante na realidade, que o livro sobre Cuba contém tanto a documentação como a análise necessária para poder mostrar como se relacionam distintas marcas críticas socioeconômicas; marcas diacríticas são critérios de classificação social. O antropólogo francês Jean Pouillon escreveu, em uma pesquisa que fez na África, uma frase extraordinária: nós não classificamos porque lá fora tem diferenças para classificar, senão que classificamos e procuramos e inventamos critérios de diferenciação. Eu acho que isso é uma ideia absolutamente fundamental que contrasta dramaticamente com o nosso senso comum, de que efetivamente classificamos, distinguimos, discriminamos, porque as pessoas são diferentes. E não é assim; as classificações socioeconômicas, políticas, culturais e simbólicas são sistemas sociopolíticos que, no mundo moderno no qual se legitimam, nesse contexto do saber, se legitimam as desigualdades, apelando à naturalização, não? É nesse processo de naturalização que usamos, aproveitamos e inventamos critérios de diferenciação que justifiquem as discriminações. Não sei se isso ficou muito claro. Tenho um texto, escrevi sobre isso. Então, claro, quando escrevi a minha tese não se tinha falado das interseccionalidades – esses termos gringos tão complicados. Em absoluto, eu lia os documentos e ia fazendo, tentando fazer sentido. Tinha muita pouca bagagem teórica, que até certo ponto acho que foi uma vantagem. Eu não tinha lido Engels e Marx, *La familia, la propiedad privada y el estado*. Não conhecia. E eu acho que foi uma grande sorte porque teria me limitado. Então, claro, e outra vez com certa ingenuidade, me aproximei da documentação, tentei fazer sentido, aproximei-me dessas articulações entre um tipo de estrutura social, os critérios de discriminação, as implicações da naturalização para o controle dos corpos sexuados femininos e o matrimônio. Essa noção, esse conceito e as suas implicações chegaram depois, fins dos [anos 19]70, princípio dos

[anos 19]80. E foi um fenômeno político porque foram as feministas e lésbicas afrodescendentes, nos Estados Unidos, que diziam “bom, olha...”, que denunciaram a cegueira racial das feministas brancas, que sempre diziam “sisterhood is powerful”. Que irmandade é essa, não? Então, não preciso explicar isso para vocês.

P: Eu tenho lido sobre a formação intelectual do Brasil na época da formação da Unicamp, e me parece que a Unicamp, ela tem como um duplo a USP. A senhora falou que muitos professores moravam na cidade de São Paulo. A minha pergunta vai no sentido de qual era a relação da Antropologia da Unicamp com a Antropologia da USP, e com os outros programas do Brasil – tinha o Museu Nacional e Brasília –, e se havia um intercâmbio, uma conversa. Mas principalmente na USP, porque a USP parece que está sempre presente.

VS: Na primeira década, os anos [19]70, eu e o Peter podemos entender a sua pergunta, mas para mim, estávamos tão ocupados aqui, estávamos tão engajados nesse processo todo e, além do mais, eu com as minhas filhas, porque o pai das minhas filhas estava no Peru fazendo pesquisa sobre a reforma agrária outra vez... Então, realmente, não tinha muitas possibilidades de ir à USP e, além do mais, éramos muito novos, docentes muito novos, enquanto que a USP estava muito estabelecida: Ruth [Cardoso] e Eunice [Durham] estavam na Sociologia a essa altura. Octávio Ianni e o [Fernando Henrique] Cardoso tinham sido expulsos, não estavam... Eu tinha mais contato com o CEBRAP [Centro Brasileiro de Análise e Planejamento] e com Octávio Ianni, éramos muito amigos. Eu acho que isso foi um processo muito pouco a pouco, de se aproximar. Tínhamos também, nós estrangeiros, certo complexo de ignorância com respeito à história da gloriosa USP, missão francesa, e o Pierre Monbeig, o Lévi-Strauss, todas essas grandes figuras que tinham estado lá. Então foi muito pouco a pouco e mais em nível pessoal, com Ruth, com Eunice, com Octávio Ianni. Eu tinha uma relação um pouco mais regular com o CEBRAP, pelo tipo de pesquisa que estava fazendo, a partir de [19]73, com as mulheres da turma, que tinha tudo a ver com Paul Singer. Quer dizer, o debate sobre a proletarianização estava também sendo discutido no CEBRAP. E depois, as primeiras eleições, com essa oposição consentida... Que foi em [19]74, não? Eu já estava fazendo a pesquisa e estava falando sobre, bom, o que ia fazer o pessoal de Jaguariúna, quer dizer, as famílias e os parentes, que iam fazer nas eleições? Então escrevi um artigo, “Enxada e voto”. Fernando Henrique já estava se preparando para ser presidente e tinha esses conflitos ou desavenças políticas entre todo esse pessoal. A questão é que é muito interessante porque realmente foi um momento crucial. Mas teve uma diferença de opinião muito importante sobre o significado do resultado, não? Como eu estava falando com as pessoas, a população dos trabalhadores lá nas plantações, eles eram de um ceticismo total, enquanto a interpretação dessa esquerda... Octávio Ianni etc., todo esse pessoal. Não, Octávio Ianni tinha uma opinião distinta, mas esse setor opinava que o resultado muito positivo do MDB [Movimento Democrático Brasileiro] era um sintoma de que a oposição estava se consolidando. Bom, era muito diferente a opinião. Eu acho que eu tinha razão, quer dizer, não era uma questão de polêmica sobre quem tinha razão ou não, senão de ter contato com as pessoas. E a mim contaram que [19]64 tinha passado em brancas nuvens para esse pessoal das turmas, diziam assim: antes e depois foi tudo igual. O que era para a inteligência em São Paulo um sintoma da ditadura, da repressão, quer dizer: a violência e a brutalidade da polícia, para os pobres, não era nenhuma novidade. Então, claro, esse tipo de informação que fui recolhendo me dizia uma coisa muito diferente. Então, está no livro.

P: Tem algo mais que a senhora gostaria de dizer?

⁶ “Enxada e voto no Brasil”, escrito em co-autoria com Armando Boito Júnior e publicado em: CARDOSO, Fernando Henrique, comp. Partidos políticos e eleições no Brasil, por Fernando Henrique Cardoso e Bolivar Lamounier, coordenadores. 2a. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.]

VS: Tem uma coisa, todavia, que eu acho que estava lembrando hoje, muito interessante. Uma ocasião, deve ter sido [19]73, [19]74, convidaram a Peter [Fry] e a mim para explicar o nosso projeto. E Peter tinha um projeto sobre linguagem e classe. E eu, do que ia falar, tendo tido a experiência de Cuba? Da questão racial. E tinha lido Florestan Fernandes, Octávio Ianni, [Fernando Henrique] Cardoso etc. sobre o tratamento da questão racial neste país. Então fiz um pequeno projeto, muito parecido àquele, à minha pesquisa em Cuba: raça, sexualidade, matrimônio, classes, desigualdade ou hierarquia social, sociopolítica. E a reação foi terrível! Absolutamente terrível! Me aplastaram. E, sobretudo, Maria Sílvia, (...) Maria Isaura. Foi realmente muito, muito desanimador. Na realidade, a minha proposta era muito simples. Porém, eu acho que 20 anos depois... Isso foi, sim, fim dos [anos 19]90, que eu estive três vezes no Rio, na federal onde estava Peter e Yvonne Maggie com um projeto da Rockefeller e estava trabalhando sobre o projeto da Unesco de pesquisa sobre a democracia racial no Brasil. E aí percebi o que tinha acontecido, claro. Eu estava falando um discurso totalmente contrário, ainda que Florestan Fernandes já tinha escrito, porque ele participou do projeto. Porém o que eu estava colocando era totalmente contrário a essa ilusão de que neste país não tinha problema racial.

P: Colocando o dedo na ferida...

VS: Foi... exato. E, claro, essas colegas eram fortes, enérgicas. E quem entendeu, apreciou e me disse depois que achava muito interessante esse tipo de projeto foi um historiador [Fernando Novais], uma pessoa encantadora, historiador na USP, muito perto do Boris Fausto. Era óbvio porque ele tinha uma sensibilidade para essa questão... Ele entendeu perfeitamente qual era a questão, enquanto que a burguesia, a burguesia progressista ainda não tinha chegado lá, a perceber que a questão fundamental, que eu acho que continua existindo, é como se formula, se introduz essa ideia, essa mistificação da questão racial neste país, a democracia racial.

P: Como a senhora vê o campo da Antropologia Brasileira hoje no enfrentamento dessas questões, da questão racial? Várias vezes a gente percebe, vê o uso da etnicidade, identidade étnica em relação à raça – alguma coisa que a senhora falou uma vez da substituição terminológica –, como poderia ser um tipo de armadilha, e daí também as questões de gênero e a possibilidade de falar de uma categoria mulher ou mulheres. Eu queria saber como a senhora vê a antropologia feita hoje no Brasil.

VS: Lamentavelmente, não estou tão informada. Mas a impressão que eu tenho é, por uma parte, o que aconteceu com o giro pós-moderno, passamos das classes às identidades e às identidades étnicas. E a questão da intersecção, isso foram as mulheres negras nos Estados Unidos que atacaram essa questão da desigualdade e da invisibilidade delas, não? Agora, esse modelo paradigmático pós-moderno, também eu acho que conduz à questão racial neste país. Teve essa época quando eu estava pesquisando, quando fui à Unesco e trabalhei no arquivo [qual?]. Sobre o projeto, sobre a democracia racial, teve vários trabalhos, o [Marcos] Chor [Maio] teve um grande debate sobre as cotas, mas aí, outra vez, eu acho que foi um debate, e não sei se continua ainda a polêmica; foi uma polêmica altamente política, porém com pouca pesquisa! Tem um artigo fantástico, que foi publicado em *Current Anthropology*, a revista de antropologia que o [Ricardo] Ventura [Santos], Peter [Fry], um grupo de cinco ou seis pesquisadores, o Chor, que, em relação com o debate sobre as cotas, fazem uma pesquisa com uma turma de escola secundária. É extremamente interessante como eles se definem, como são definidos e que implicações tem tudo isso para uma política de cotas, não? Mas em geral eu não se tem feito muito mais. Não é uma questão, me parece, não? E tem sumido outra vez, e vocês sabem melhor do que eu.

P: Agradecemos mais uma vez...

VS: Muito obrigada vocês! É uma visita realmente muito nostálgica, justamente pelas Jornadas e a vinda de Peter [Fry] e Antônio Augusto [Arantes] e alguns colegas mais, não? Será muito, muito bonito. Muito obrigada!

